

Um Caso Sumário para o Pós-Milenismo

Keith A. Mathison¹

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto²

Sem exagero, o pós-milenismo é a posição escatológica mais freqüentemente caricaturizada dentro dos círculos professamente evangélicos. Desde vários registros prematuros de sua morte, à definições grosseiramente distorcidas, o pós-milenismo sobre o qual alguém lê nas obras populares de teologia dificilmente é reconhecido por aqueles que se consideram pós-milenistas.

Muita da distorção e má-informação têm vindo da caneta de autores dispensacionalistas populares. John F. Walvoord, por exemplo, alega que o pós-milenismo “têm visto ser impossível resistir a uma tendência para com o liberalismo”.³ Ele “mesmo combina com o liberalismo, com apenas uns ajustes menores”.⁴ Charles Ryrie alega que de acordo com o pós-milenismo, “a idéia de um mundo livre do mal é antevista como um resultado dos esforços dos homens”.⁵ Essas caricaturas do pós-milenismo parecem ser pouco mais que tentativas de induzir o leitor contra a posição.⁶

Não somente os dispensacionalistas têm feito numerosas falsas declarações sobre o que os pós-milenistas realmente crêem, mas eles têm freqüentemente sido excessivamente confiantes em seus desafios. Em 1948, por exemplo, Lewis Sperry Chafer disse do pós-milenismo:

Ele existe somente na literatura limitada que produziu e com nenhuma voz viva para defendê-lo. Sem dúvida, a ênfase sobre o estudo bíblico do presente século tem servido para expor o caráter anti-bíblico desse sistema. Seus defensores não são capazes de responder ao desafio lhes feito, a saber, apresentar uma passagem da Escritura que ensine um milênio antes do advento de Cristo, ou que ensine um advento de Cristo após o milênio.⁷

¹ Keith A. Mathison, Ph.D., é diretor do Curriculum Development e editor assistente da revista *Tabletalk* do Ligonier Ministries. Ele é o autor de quatro livros, incluindo dois sobre escatologia, *Dispensationalism: Rightly Dividing the People of God?* e *Postmillennialism: An Eschatology of Hope*.

² E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em setembro/2007.

³ John F. Walvoord, *The Millennial Kingdom* (Grand Rapids: Zondervan, 1959), 34.

⁴ Walvoord, *The Millennial Kingdom*, 35.

⁵ Charles Ryrie, *The Basis of the Premillennial Faith* (Neptune, N. J.: Loizeaux, 1953), 13-14.

⁶ Uma pessoa precisa apenas ler as obras de pós-milenistas tais como os puritanos Thomas Brightman, Thomas Goodwin, John Owen e Jonathan Edwards, bem como as obras de pós-milenistas modernos como Charles Hodge, A. A. Hodge, James Henley Thornwell e B. B. Warfield para perceber a completa inexatidão das descrições dispensacionalistas do pós-milenismo.

⁷ Lewis Sperry Chafer, *Systematic Theology* (Dallas: Dallas Seminary Press, 1948), 4:281.

Essa declaração não era verdadeira quando foi publicada em 1948, e certamente não é verdadeira hoje. O pós-milenismo pode oferecer não apenas uma passagem da Escritura, mas inúmeras passagens de Gênesis a Apocalipse. Ele pode e tem mostrado estar tematicamente entrelaçado por toda a Escritura, do princípio ao fim.

Antes de apresentar um esboço do caso bíblico para o pós-milenismo, é necessário corrigir algumas das concepções erradas, fornecendo uma breve definição dessa visão escatológica.

Como o amilenismo, o pós-milenismo ensina que os ‘mil anos’ de Apocalipse 20 ocorrem antes da Segunda Vinda. Alguns pós-milenistas ensinam que a era milenar é o período inteiro de tempo entre o primeiro e o segundo advento de Cristo, enquanto outros ensinam que são os últimos mil anos da presente era. De acordo com o pós-milenismo, na presente era o Espírito Santo atrairá multidões sem precedentes a Cristo por meio da pregação fiel do evangelho. Entre as multidões que se converterão estão os israelitas étnicos que têm até aqui rejeitado o seu Messias. No final da presente era, Cristo retornará, haverá uma ressurreição geral de justos e ímpios, e o julgamento final acontecerá.⁸

Como Kenneth Gentry explica, o pós-milenismo é “a visão que Cristo retornará à terra após o evangelho abençoado pelo Espírito tiver conseguido sucesso devastador em trazer o mundo à adoção do Cristianismo”.⁹

Pós-milenismo não é liberalismo, nem evangelho social, universalismo, perfeccionismo, ou alguma forma de nacionalismo. O pós-milenismo bíblico ensina que o reino de Cristo foi inaugurado e é redentor, que seu crescimento sobrenatural é progressivo e levará à conversão mundial, e, finalmente, que ele será perfeitamente consumado somente na Segunda Vinda de Cristo.¹⁰ O propósito desse capítulo é demonstrar que esse ensino é bíblico.

O TESTEMUNHO DO ANTIGO TESTAMENTO

Com muita freqüência, discussões da evidência bíblica para qualquer posição milenista começam e terminam com Apocalipse 19-20. Desafortunadamente, essa abordagem falha em colocar aqueles capítulos no seu contexto bíblico geral. Para conseguir um entendimento apropriado do objetivo para o qual o plano de redenção de Deus está trabalhando, devemos

⁸ Keith A. Mathison, *Postmillennialism: An Eschatology of Hope* (Phillipsburg, N. J.: P&R, 1999), 10.

⁹ Kenneth L. Gentry, Jr. *He Shall Have Dominion: A Postmillennial Eschatology*, 2nd ed. (Tyler, Tex.: Institute for Christian Economics, 1997), 79.

¹⁰ Gentry, *He Shall Have Dominion*, 187-94.

começar onde sua revelação começa – no princípio. O espaço não permite uma discussão exaustiva de tudo o que a Bíblia diz e que constitua evidência para o pós-milenismo. Por essa razão, oferecerei simplesmente uma breve análise de várias dos textos mais significantes.¹¹ À medida que continuarmos, tornar-se-á claro que a esperança pós-milenista tem fortes raízes no ensino do Antigo e Novo Testamento.

A Criação e Queda

Os primeiros capítulos de Gênesis estabelecem o fundamento para uma escatologia pós-milenista. Aprendemos, por exemplo, que Deus criou o homem para exercer domínio sobre a terra (Gn. 1:26-28) e para desfrutar união e comunhão eterna com ele (2:15-17). Entender as razões pelas quais Deus criou o homem impacta profundamente nosso entendimento de escatologia. O pós-milenismo espera que Deus cumpra o seu propósito original revelado para toda a criação, incluindo o homem. E visto que Deus intentou esse propósito para a história, os pós-milenistas esperam que o mesmo seja realizado na história.¹²

O capítulo 3 de Gênesis revela a trágica história da Queda do homem, do seu estado original para o pecado e a corrupção. Como resultado do pecado do homem, Deus amaldiçoou a criação inteira (Gênesis 3:17-18; Romanos 8:20-22). Mas a Queda não frustrou permanentemente o plano original de Deus para a criação e o homem. Em Gênesis 3:15 descobrimos a primeira promessa redentora. Deus promete que a Semente da mulher esmagaria a cabeça da serpente, e com essa promessa uma “guerra santa” é declarada. Contudo, diferente de outras declarações de guerra feitas por homens e nações por toda a história, Deus declara guerra com o resultado final absolutamente certo. Não há dúvida que a vitória será alcançada.

O Pacto Abraâmico

O Pacto Abraâmico é de suprema importância em qualquer estudo de escatologia. Em Gênesis, existem três encontros pactuais entre Deus e Abraão (Gênesis 12, 15, 17). Cada encontro destaca diferentes aspectos do Pacto Abraâmico. O mandamento e a promessa que Deus revelou a Abraão em Gênesis 12:1-3 são especialmente significantes:

Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma

¹¹ Para uma análise abrangente da evidência bíblica para o pós-milenismo, veja Gentry, *He Shall Have Dominion*; John Jefferson Davis, *The Victory of Christ's Kingdom* (Moscow, Ida.: Canon, 1996); e Mathison, *Postmillennialism*.

¹² Veja Gentry, *He Shall Have Dominion*, 182.

grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra.

Várias promessas importantes estruturam essa passagem, mas uma que devemos notar é que Abraão seria uma bênção para “todas as famílias da terra” (Gênesis 12:3).

Gênesis 10 registra a história de todas “as famílias dos filhos de Noé” (10:32). Em Abraão Deus escolheu um dos descendentes de Noé como o portador da bênção divina para *todas* as famílias descendendo de Noé. Já nesse ponto inicial na história redentora Deus anuncia claramente seu pacto inquebrantável que fluiria além dos limites da nação e famílias de Israel. Deus revela que sua intenção é trazer salvação a todas as famílias da terra.¹³ Não importa o que mais possa estar envolvido nessa promessa, é claro aqui que *todas* as famílias da terra não significa uma pequena minoria das famílias da terra, nem um mero remanescente de homens.

Os Salmos

Vários Salmos do Antigo Testamento adicionam algo ao fundamento do pós-milenismo visto no Pacto Abraâmico. O Salmo 2 é um salmo de coroação, frequentemente aludido e citado no Novo Testamento em conexão com a pessoa e obra de Jesus Cristo: Mateus 3:17; 17:5; Atos 13:33. Essas passagens do Novo Testamento revelam que Jesus é aquele a quem esse Salmo ultimamente refere-se. As nações lhe são dadas como sua herança, os próprios confins da terra como sua possessão (Salmo 2). Devemos observar que o Novo Testamento amarra o cumprimento desse Salmo à ressurreição de Cristo, e não ao seu segundo advento. Jesus Cristo *já* recebeu as nações como sua herança em sua exaltação, envolvendo a ressurreição, ascensão e o assentar à direita do trono.

O Salmo 22 aponta para o cumprimento da promessa do Pacto Abraâmico de abençoar todas as famílias da terra. Nos versículos 27-28 lemos: “Lembrar-se-ão do SENHOR e a ele se converterão os confins da terra; perante ele se prostrarão todas as famílias das nações. Pois do SENHOR é o reino, é ele quem governa as nações”. Hebreus 2:12¹⁴ conecta o cumprimento desse Salmo à ressurreição e ascensão de Jesus, e não à sua Segunda Vinda.

¹³ O restante do Pentateuco e os livros históricos revelam o desenvolvimento adicional da obra pactual de Deus, seu chamado de Israel para ser o meio escolhido através do qual ele traria bênçãos às nações. Deus revela sua santa lei a Israel e revela que a desobediência ao pacto traria maldição (Levítico 26; Deuteronômio 28). Por todos os livros históricos, vemos a verdade dessas promessas e advertências na história de Israel.

¹⁴ Nota do tradutor: Comparar com Salmo 22:22.

O Salmo 110 é citado ou aludido no Novo Testamento mais do que qualquer outro texto do Antigo Testamento (*eg*, Mateus 22:41-45; Marcos 12:35-37; Lucas 20:41-44; Atos 2:33-35; 1 Coríntios 15:25; Hebreus 1:13; 5:6; 7:17, 21; 10:13). Ele provê o fundamento do Antigo Testamento para a doutrina apostólica da ascensão e do reinado presente de Cristo como o grande Sacerdote-Rei. O assentar de Jesus Cristo à direita do Pai começou em sua ascensão. Tão enfaticamente quanto os homens o rejeitaram, Deus o exaltou (Atos 5:36, 7:55-56; Filipenses 2:9-11). Ele está agora assentado à direita de Deus com toda autoridade (Atos 2:34-36; Efésios 1:19-21). Ele reina como Salvador e Intercessor (Romanos 8:34; Hebreus 4:14; 1 João 2:1). Ele está assentado *até* a rendição do último inimigo; ele está assentado *até* que tenha colocado todos os seus inimigos debaixo dos seus pés (Hebreus 10:13; cf. 1 Coríntios 15:25s.; 1 Pedro 3:22).

Os Profetas

A relação pactual entre Deus e o seu povo estabelecida no Pentateuco, descrita nos livros históricos e empregada como a base da oração nos Salmos, é proclamada pelos profetas. Quando Israel pecava contra Deus e violava os termos do pacto, os profetas chamavam a nação ao arrependimento e à renovação pactual. Os profetas explicavam as razões para o julgamento de Deus, mas quando Israel endurecia o seu coração, os profetas anteviam um tempo quando o pacto seria estabelecido em sua plenitude e as bênçãos de Deus seriam derramadas sobre todas as nações. Mesmo os inimigos da Cruz serão arrastados para o reino (Isaías 19:25s.).

Os livros proféticos fornecem ricas fontes de material apontando para o cumprimento temporal e histórico das promessas de Deus de bênção mundial sob o reinado do Messias. Uma das profecias mais incríveis é encontrada em Isaías 9:6-7 (AF):

Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu, e o principado está sobre os seus ombros, e se chamará o seu nome: Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Do aumento deste principado e da paz não haverá fim, sobre o trono de Davi e no seu reino, para o firmar e o fortificar com juízo e com justiça, desde agora e para sempre; o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto.

Essa profecia do Rei vindouro é construída sobre a profecia encontrada em Isaías 7:14, que fala de uma criança que seria chamada Emanuel – “Deus conosco”. Os títulos “Maravilhoso Conselheiro”, “Deus Forte”, “Pai da Eternidade” e “Príncipe da Paz” apontam que essa criança vindoura que seria Rei, seria Deus mesmo. De seu reino Isaías declara: “Do aumento deste principado e da paz não haverá fim”. Alec Motyer explica que isso significa

“seu reino *crecerá* e ocupará progressivamente todo espaço, até que ele governe sobre todos”.¹⁵

Devemos observar duas funções dessa profecia. Primeiro, a natureza do reino do Rei é uma de “crescimento”. Seu reino aumenta progressivamente; não é imposto catastróficamente. Na visão pré-milenista não existe lugar para crescimento, pois o reino de Cristo é instituído catastrófica e subitamente. Ele é estabelecido completamente, de uma vez por todas na Segunda Vinda. Segundo, aquele que realiza isso é o Senhor dos Exércitos. Podemos ter firme certeza que essa profecia será cumprida porque “o zelo do SENHOR dos Exércitos fará isto”. Contrário às caricaturas populares, o pós-milenismo não afirma que o homem “trará” o reino. O pós-milenismo ensina que o reino de Cristo *já* foi inaugurado na ressurreição e ascensão de Cristo, que o aumento desse reino continuará até que todos os inimigos de Cristo tenham sido colocados debaixo dos seus pés, e será por fim consumado na Segunda Vinda. E Deus fará tudo isso, da forma como prometeu.

O livro de Daniel inclui algumas das mais importantes profecias escatológicas na Escritura. Olharemos brevemente para duas profecias principais. Daniel 2 narra a história do sonho de Nabucodonosor e a interpretação do mesmo por Daniel. No sonho, Nabucodonosor vê uma estátua gigante feita de diferentes metais, que é golpeada no pé por uma pedra que foi cortada sem auxílio de mãos (Daniel 2:31, 35, 44). A pedra não é uma pedra normal, pois “a pedra que feriu a estátua se tornou em grande montanha, que encheu toda a terra” (v. 35).

Em 2:36-45, Daniel interpreta o sonho e informa ao rei que a estátua representa quatro reinos. A maioria dos comentaristas evangélicos entende que a cabeça de ouro da estátua representa o Império Babilônico, o peito e os braços de prata representam o Império Medo-Persa, o ventre e os quadris de bronze representam o Império Grego, e os pés de ferro e barro representam o Império Romano. A pedra cortada sem auxílio de mãos representa o reino messiânico de Deus. Que a pedra golpeia o pé da estátua significa que o reino messiânico será estabelecido durante o tempo do último Império.¹⁶

Quais são as características desse reino messiânico? Primeiro, ele foi estabelecido durante o tempo do quarto reino, o Império Romano, não mil anos depois. Segundo, Daniel diz desse reino que ele “não será jamais destruído” (Daniel 2:44). Terceiro, ele sobrepujará todos os reinos oponentes e crescerá até que encha toda a terra. Quarto, esse crescimento será gradual e progressivo. O reino messiânico começa com uma pedra, mas não permanece uma pedra, e não é esmagado em pedregulhos. A pedra cresce numa montanha que enche a terra. Note a similaridade desse crescimento com

¹⁵ J. Alec Motyer, *The Prophecy of Isaiah* (Downers Grove, III: InterVarsity Press, 1993), 103.

¹⁶ E. J. Young, *The Prophecy of Daniel: A Commentary* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), 78.

outras imagens do progresso do reino em Ezequiel 20:47, Mateus 13 e Marcos 4.

O livro de Daniel inclui outra profecia importante para o nosso entendimento da escatologia cristã. Em Daniel 7:13-14, lemos o seguinte:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.

Pré-milenistas alegam que essa visão é uma profecia da Segunda Vinda de Cristo, mas o contexto torna tal interpretação impossível.

Nesse capítulo Daniel vê numa visão uma sucessão de quatro bestas, que ele interpreta como quatro reinos (7:17). Esses quatro reinos fazem paralelo aos quatro reinos descritos em Daniel 2.¹⁷ Após a visão das quatro bestas Daniel recebe uma visão gloriosa do trono de Deus (vv. 9-12). Ele vê Deus sentado sobre o seu trono com livros abertos para julgar. Duas razões opõem-se a aplicar essa visão ao julgamento final. Em primeiro lugar, os versículos 22 e 26 declaram isso como sendo um julgamento contra os reinos humanos durante o reinado da quarta besta. Segundo, o resultado do julgamento é que o domínio e governo é tomado da quarta besta e dado ao Filho do Homem que ascendeu (vv. 12-14, 18, 22, 27).

Como Daniel descreve os eventos na sala trono que seguem imediatamente a esse julgamento? Nos versículos 13-14 Daniel vê um semelhante ao Filho do Homem que *vinha* com as nuvens do céu *ao Ancião de Dias*. Essa não é uma cena do Filho do Homem *descendo* da destra de Deus até *a terra*. Daniel está vendo isso a partir da perspectiva da sala do trono de Deus, e o movimento do Filho do Homem é para cima. Essa é uma visão da ascensão de Cristo, não sua Segunda Vinda (cf. Atos 2:30-31, 34-35). Em sua ascensão Cristo recebe “o domínio e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem” (Daniel 7:14). Daniel 7:13-14 contradiz explicitamente a alegação pré-milenista que sua herança e posse dessas coisas aguarda sua Segunda Vinda.

O TESTEMUNHO DO NOVO TESTAMENTO

Um forte fundamento para a escatologia pós-milenista é estabelecido no Antigo Testamento. Mas o argumento pós-milenista não está confinado à revelação do Antigo Testamento, como alguns oponentes amilenistas

¹⁷ Young, *Daniel*, 143-50.

afirmam. Os apóstolos construíram sobre esse fundamento do Antigo Testamento nos escritos do Novo, que começam com as palavras: “Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão” (Mateus 1:1). Nessas poucas palavras, vemos a primeira indicação que as centenas de promessas do antigo pacto dadas a Abraão e Davi haverão de ser cumpridas em seu descendente, Jesus de Nazaré.

As Parábolas do Reino

Duas parábolas importantes das Parábolas do Reino de Cristo são especialmente significantes para o pós-milenismo:

Outra parábola lhes propôs, dizendo: “O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos”. Disse-lhes outra parábola: “O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado”. (Mateus 13:31-33)

Cada uma dessas duas parábolas revela um aspecto diferente, todavia similar, do reino, e ambas elucidam um tema abrangente.

O ponto principal da parábola da Semente da Mostarda é que, a despeito dos começos não impressionantes, o reino do Messias crescerá progressivamente até se tornar a característica dominante no cenário histórico. O ponto principal da parábola do Fermento é que o crescimento e a influência do reino messiânico será internamente penetrante, reestruturando tudo com o que entra em contato. R. T. France forneceu um sumário útil do tema dominante das duas parábolas. Ele observa que as duas parábolas:

focam-se sobre o paradoxo do começo insignificante ou oculto e um clímax triunfante. Para eles [os discípulos] e para nós hoje, que podem esperar Deus agir dramaticamente e sem demora, Jesus aponta que o crescimento pleno é assegurado desde o momento em que a semente é semeada, não obstante sua aparência não promissora e a despeito da oposição que possa encontrar em seu desenvolvimento. O caminho de Deus não é de ostentação, mas de sucesso final.¹⁸

Nessas parábolas Jesus revela claramente que a manifestação plena do reino messiânico não vem catastroficamente, como o pré-milenismo ensina. Assim como Daniel, Jesus ensina que o reino cresce gradual, progressiva e penetrantemente até dominar.

¹⁸ R. T. France, *Matthew* (Downers Grove, III: InterVarsity Press, 1985 228

A Grande Comissão

Após sua morte sobre a cruz (Mateus 27:32-56), sepultamento (27:57-61), e ressurreição gloriosa (28:1-10), Jesus reúne seus discípulos na Galiléia e os comissiona para cumprir as promessas do pacto designadas para abençoar todas as famílias da terra. Em Mateus 28:18-20 lemos o seguinte relato:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: “Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século”.

Nessa comissão, Jesus revela os meios *instrumentais* através dos quais ele cumpriria todas as grandes promessas pactuais do Antigo Testamento. Jesus Cristo declara que recebeu “toda a autoridade... no céu e na terra”. Toda essa autoridade poderosa está por detrás do mandamento de discipular as nações e trazer as bênçãos pactuais a todas as famílias da terra. Israel falhou em mediar as bênçãos de Deus às nações da terra. Cristo assumiu agora essa responsabilidade e delegou os meios pelos quais isso será realizado à sua Igreja. Israel falhou, mas o Messias não pode e nem falhará.

Romanos 9-11

Em qualquer estudo de escatologia, Romanos 9-11 não pode ser ignorado. A despeito das várias tentativas de evitar as implicações do ensino de Paulo, essa passagem da Escritura fornece um argumento muito forte para o pós-milenismo. Quando os capítulos 9-11 são vistos à luz dos capítulos precedentes em Romanos, torna-se claro que o propósito desses capítulos é demonstrar que as promessas de Deus não falharam, a despeito da rejeição do evangelho por parte de Israel. Nos capítulos 9-11 Paulo dá uma resposta dupla ao problema da incredulidade de Israel. Ele aponta nesses capítulos que a fidelidade de Deus é mantida porque a rejeição de Israel não é *total* (eg, 9:6-13; 11:5, 7). Ele também aponta que a fidelidade de Deus é mantida porque a rejeição de Israel não é *final* (eg, 11:28-29).

Paulo explica que a salvação nunca é um direito por nascimento, nem mesmo para os descendentes de Abraão (9:6-29), e que o Israel étnico tinha sido abandonado, enquanto os gentios entravam no reino (9:30-10:21). Então ele começa o capítulo 11 com uma pergunta vital e uma resposta enfática: “Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum!” Ele explica novamente que um remanescente de Israel tinha sido escolhido pela graça (vv. 2-6; cf. 9:6-13, 27). Esse remanescente escolhido obteve salvação, enquanto o restante do Israel étnico foi endurecido (11:7-10).

Apenas isso já demonstra que Deus é fiel e que suas promessas não falharam, mas Paulo continua explicando que o endurecimento da maior parte do Israel étnico tinha um propósito e não é permanente.

No versículo 11 Paulo volta sua atenção de novo para os judeus que tinham rejeitado a Cristo e responde uma segunda pergunta retórica: “Pergunto, pois: porventura, tropeçaram para que caíssem? De modo nenhum!” (11:11a; cf. 9:32-33). No restante desse capítulo o assunto foca-se sobre o Israel étnico endurecido que tinha tropeçado em Cristo. Paulo explica o propósito de sua rejeição e aguarda a futura aceitação deles.

Vários vezes no restante do capítulo 11 Paulo explica o propósito e o futuro do Israel étnico em termos de uma tripla progressão. Em 11:11 ele observa que o endurecimento de Israel ocorreu para que a salvação pudesse chegar aos gentios e que a salvação dos gentios poria o Israel étnico em ciúmes. No versículo 12, Paulo esboça os três principais passos no desenrolar do propósito de Deus: (1) Israel tropeça em sua transgressão, (2) os gentios recebem as ricas bênçãos da salvação, e (3) Israel retorna a Cristo em plenitude, levando a riquezas salvíficas maiores. Paulo repete esse plano triplo nos versículos 15, 20-23, 25b-26 e 31.

Em 11:26, Paulo diz: “todo o Israel será salvo”. Esse versículo tem sido o centro de longa controvérsia sobre esse capítulo. Mas uma vez que compreendemos o contexto dessas palavras, a interpretação se torna muito mais clara. As três interpretações principais das palavras “todo o Israel” no versículo 26 dizem que o termo refere-se a: (1) a comunidade inteira dos eleitos – judeus e gentios, (2) o remanescente eleito dentro de Israel por toda a história, e (3) o Israel étnico. A última interpretação é a única que faz justiça ao contexto e fluxo do argumento de Paulo em Romanos.

Para começar a analisar esse texto devemos primeiro observar o contexto imediato. O versículo 26 é uma continuação de uma sentença que inicia no versículo 25. Essa sentença abre com: “veio endurecimento em parte a Israel”. Todos concordam que isso não pode se referir à Igreja, e que o “Israel” no versículo 25 deve no mínimo incluir uma porção do Israel étnico. A palavra “Israel” no versículo 25 é sem dúvida uma referência ao Israel étnico endurecido, e nada no contexto imediato sugere que a palavra mude de significado entre o começo da sentença no versículo 25 e o final da sentença no versículo 26. A palavra “Israel” no versículo 26 continua o mesmo significado estabelecido no versículo 25.

A segunda maior pista para a interpretação do versículo 26 é o contexto próximo. Em 11:11-32 Paulo continuamente distingue entre Israel ético e os gentios. Isso milita contra a primeira interpretação. Contrário à segunda interpretação, devemos observar que o sujeito de 11:11-32 como um todo é o

Israel étnico que tropeçou. O antecedente de “eles”¹⁹ no versículo 11 são os israelitas endurecidos no versículo 7, *que são explicitamente distinguidos do remanescente*. Mais de trinta vezes nesses versículos Paulo refere-se especificamente ao Israel endurecido. Eles, e não o remanescente, são o sujeito desses versículos.

Finalmente, a referência de tempo nesses versículos indica que o endurecimento do Israel étnico é *temporária*. Sua rejeição não é permanente: ela continua até que a plenitude dos gentios entre, e então o Israel étnico será restaurado (cf. 11:2, 15, 24, 25). Isso é indicado no versículo 26. A palavra “assim” tem a ver com a maneira da salvação de “todo o Israel”. A maneira inclui os três estágios históricos e temporais que Paulo tinha mencionado várias vezes por todo esse capítulo. Além do mais, a aceitação de “todo o Israel” é mencionada em contraste com a situação que existia nos dias de Paulo, e que existe em nossos dias, quando o Israel étnico como um todo permanece rejeitado. Em adição, Paulo declara que o endurecimento de Israel continuará *até* que a plenitude dos gentios haja entrado.

Quando Romanos 9-11 é lido como um todo, a passagem claramente aponta para uma futura restauração do Israel étnico à fé em Deus, a uma aceitação do seu Messias, a um re-enxertamento na Oliveira. Como sua transgressão resultou em bênção para o mundo inteiro, sua plenitude resultará em bênçãos inimagináveis.

1 Coríntios 15

Outra passagem escatológica importante em Paulo aparece em seu famoso capítulo sobre a ressurreição: 1 Coríntios 15. Encontramos a informação crucial nos versículos 24 e 25: “E, então, virá o fim, quando ele entregar o reino ao Deus e Pai, quando houver destruído todo principado, bem como toda potestade e poder. Porque convém que ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo dos pés”.

A significância dessa passagem se torna clara quando entendemos que Cristo recebeu o reino quando foi exaltado à mão direita do Pai em sua ascensão (cf. Atos 2:29-36; Efésios 1:19-21; Filipenses 2:9-10; 1 Pedro 3:22; cf. Daniel 7:13-14). Paulo ensina que o curso do reino de Cristo será exatamente aquele que os profetas descreveram (cf. Salmo 110; Isaías 9; Daniel 2, 7; Zacarias 9). Durante o curso de seu presente reino Cristo está gradualmente sobrepujando toda oposição, e colocando todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. O último inimigo a ser destruído será a morte, e isso acontecerá pela ressurreição futura dos nossos corpos na Segunda Vinda (cf. 1 Coríntios 15:26, 51-56). Visto que o *último* inimigo a ser destruído é a morte, e visto que a destruição da morte ocorrerá no Último Dia, todos os outros inimigos de

¹⁹ “... porventura, [*eles*] tropeçaram para que caíssem?”.

Cristo devem ser postos debaixo dos seus pés antes do Último Dia. A vitória do reino de Cristo deve ocorrer *antes* da Segunda Vinda, quando ele destrói a morte ressuscitando o seu povo.

Apocalipse 20

Muitas discussões de escatologia em geral e o milênio em particular focam-se em Apocalipse 20, quase excluindo o restante da Escritura. Isso é lamentável, pois o livro de Apocalipse é a culminação da revelação de Deus; ele não pode ser entendido apropriadamente sem o ensino dos outros sessenta e cinco livros da Escritura. Quando é lido à luz de tudo o que veio antes dele, Apocalipse 20 fornece a pedra final – não uma pedra de fundamento – para o ensino escatológico da Bíblia concernente ao reino de Cristo.

Apocalipse 20 descreve uma visão do Milênio (vv. 1-10) e o Juízo do Grande Trono Branco (vv. 11-15). João descreve três características básicas do Milênio: (1) Ele nos diz que em seu início, e na maior parte de sua duração, Satanás está “preso”; (2) Cristo está reinando com todos os cristãos; (3) em sua conclusão Satanás será solto brevemente. Uma comparação com as Escrituras anteriores revela que esse Milênio é a era presente entre os dois adventos de Cristo.

O Novo Testamento repetidamente declara que Satanás foi decisivamente derrotado e refreado no primeiro advento de Cristo (Mateus 12:29; Lucas 10:18; João 12:31; Colossenses 2:15; 1 João 3:8). Hebreus 2:14 usa uma linguagem mais forte que Apocalipse 20, dizendo que por meio de sua morte sobre a cruz, Cristo deixou Satanás sem poder. A prisão de Satanás não significa que sua atividade cessou completamente (1 Pedro 5:8), mas que ele não mais pode impedir a disseminação do evangelho às nações (Apocalipse 20:3). A revelação que ele será solto brevemente no final da era descarta qualquer forma de utopianismo perfeccionista. Satanás, o pecado e a morte não serão completamente destruídos até a Segunda Vinda.

A Escritura também declara repetidamente que Cristo recebeu seu reino em seu primeiro advento (Daniel 2, 7; Mateus 2:2; Atos 2:30-31; 17:7; Colossenses 1:13; Apocalipse 1:5) e que os cristãos reinam agora com ele (Romanos 5:17; Efésios 2:6; Apocalipse 1:6). Aqueles que reinam com Cristo participaram da primeira ressurreição, que é a ressurreição de Cristo (cf. 1 Coríntios 15:20-23). Somente aqueles que estão em Cristo participam dessa ressurreição. Nossa participação nela é mencionada no tempo passado em termos de nossa regeneração, ou ressurreição espiritual (Efésios 2:5-6; Colossenses 2:12), e no tempo futuro em termos de nossa ressurreição corporal (Romanos 6:5; 1 Coríntios 15:23, 52-56; 1 Tessalonicenses 4:16). Todos que foram ressuscitados espiritualmente serão corporalmente também. João nos diz que a segunda morte, o lago de fogo, não tem poder sobre aqueles que têm parte na primeira ressurreição (Apocalipse 20:6, 14).

Em Apocalipse 20:5 João descreve uma segunda ressurreição daqueles que não estão em Cristo e que serão julgados no Grande Trono Branco. Esse julgamento é descrito graficamente nos versículos 11-15. João em outro lugar refere-se a essa segunda ressurreição como uma “ressurreição do juízo” (João 5:28-29). Essa segunda ressurreição é qualitativamente distinta da primeira, pois os incrédulos nunca participam na ressurreição de Cristo. Eles permanecem num estado de morte espiritual e serão ressuscitados para encarar a segunda morte (Apocalipse 20:6-14).

CONCLUSÃO

Contrário às afirmações de Chafer, Walvoord, Ryrie e uma centena de outros, as promessas pactuais e as profecias da Escritura revelam um claro e consistente fundamento para a escatologia pós-milenista. Os planos e propósitos originais de Deus para a sua criação estão sendo agora cumpridos através do seu Filho Jesus Cristo. Por meio dele, Deus está trazendo e continuará a trazer bênçãos a todas as nações da terra, ao mesmo tempo em que subjuga todo inimigo. Jesus recebeu seu reino em sua ascensão, e durante seu presente reinado ele está colocando todos os seus inimigos debaixo dos seus pés. Ele comissionou sua igreja para ser o instrumento pelo qual ele cumpre esses propósitos de abençoar e julgar. Por meio da pregação fiel do evangelho pela Igreja, seus propósitos serão realizados na terra, assim como o são no céu.

Fonte: *Thine is the Kingdom: Studies in the Postmillennial Hope*, Kenneth Gentry (editor), p. 1-21.